

# CULTURAS E IDENTIDADES: DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE BRASILEIRA

Valdirene Rosa do Nascimento Hora Estevam<sup>1</sup>

Silvane Apareida de Freitas<sup>2</sup>

<sup>1,2</sup> Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 79500-000, Paranaíba MS Brasil

## RESUMO

Este texto é o resultado do entrecruzamento de cinco leituras, a seguir: “*Nacional por subtração*” de Roberto Schwarz, “*O discurso crítico brasileiro*” de Eneida Maria de Souza, “*Cosmopolitismos, nacionalismos, lugares e não lugares na cultura contemporânea*” de Renato Cordeiro Gomes, “*Desenvolvimento, modernidade e subjetividade*” de José Maurício Domingues e “*Globalização, nação e nacionalismo, tempo/ espaço e o tratamento dos estranhos*”. Os cinco autores discutem a formação de uma identidade brasileira, principalmente da Literatura, analisando as escolas literárias brasileiras, suas atitudes em torno do processo, as implicações políticas desta construção, as discussões teóricas que resultaram desta atividade, as ideias de desenvolvimento, modernidade e subjetividade e o processo de construção e desconstrução da cultura nacional antes e pós globalização. Também versam sobre o papel das culturas de outras nações no processo de nossa formação identitária: seria o cosmopolitismo um problema ou uma solução? Indo além, a influência do pensamento Iluminista é muito discutida num processo de formação cultural eurocêntrico: quais as conseqüências disto para a identidade nacional?

Palavras chave: Identidade, subjetividade, cultura nacional.

## ABSTRACT

This text is a result of the intersection of five readings that follows: “*Nacional por subtração*” by Roberto Schwarz, “*O discurso crítico brasileiro*” by Eneida Maria de Souza, “*Cosmopolitismos, nacionalismo, lugares e não-lugares na cultura contemporânea*” by Renato Cordeiro Gomes, “*Desenvolvimento, modernidade e subjetividade*” by José Maurício Domingues and “*Globalização, nação e nacionalismo*”, tempo/espaço e o tratamento dos estranhos”. The five authors discuss the formation of a Brazilian identity, mainly referring to Literature, by analyzing the Brazilian Literary Schools, their attitudes towards the process, the political implications of such construction, the theoretical discussions that ended up from this activity, the ideas of development, modernity and subjectivity and the process of construction and deconstruction of the national culture before and post globalization. They also deal with the role of the cultures of other nations in the process of our identity formation: it would be the cosmopolitism a trouble or a solution? Besides that, the influence of the Enlightenment has been discussed a lot in the process of Eurocentric cultural formation: what are the consequences of it for the national identity?

**Keywords:** Identity, subjectivity, national culture.

## INTRODUÇÃO

Primeiramente, é preciso discorrer um pouco sobre a identidade. De acordo com Hall (2004, p. 13), a identidade é o sentimento de pertença construído social e historicamente, ou seja, aspectos básicos que nos levam a comportar de determinada forma, como integrantes de grupos específicos, não estão descritos em nossos genes, não são biologicamente definidos e sim historicamente formados. Fazer parte de um grupo significa adotar certos padrões de comportamento, além de formar uma imagem de si mesmo e dos outros. Essa adoção de determinados paradigmas acontece no decorrer da vida do sujeito. Baseando-nos no conceito de comunidade imaginada presente em Hall (2004, p. 50), acreditamos que uma cultura nacional é um meio de construção de significados que prepondera sobre nossas ações. Ser sujeito requer que o indivíduo, apesar de sua autonomia, se identifique, *a priori*, com algo mais abrangente: uma nação a que ele reconheça como sua pátria. A nação como lar “tem um poder de gerar um sentimento de identidade e lealdade” (SCHWARZ *apud* HALL, 2004, p. 48). Este trabalho faz uma releitura da tradição da crítica literária brasileira em alguns textos de Antônio Candido, que aparecem nos textos de Schwarz. Em seguida, focalizando as referências à dependência cultural brasileira. E tem como objetivo pensar na formação de uma identidade brasileira. A metodologia aplicada é o entrecruzamento de textos que discutem a formação de uma identidade principalmente na literatura brasileira. A temática desenvolvida é de suma importância para desmistificar tabus sobre uma cultura puramente brasileira.

## O ENTRECruzAMENTO DE IDEIAS SOBRE CULTURA

Qual o lugar da identidade brasileira na Literatura de mesma origem? Schwarz inicia seu texto argumentando que “a experiência do caráter postiço e imitado da vida

cultural que levamos” (SCHWARZ, 2004, p. 01) [ nós os brasileiros], é uma temática amplamente discutida na cronologia dos movimentos estéticos nacionais, políticos e filosóficos. Ele comenta: “da ótica do tradicionalista, a guitarra elétrica no país do samba é o outro.” A visão tradicional, então, desprezaria qualquer produto cultural estrangeiro, independente da forma como ele se relaciona com os elementos nacionais. Mais além, cita como o regime militar de 64 apagou o debate em torno das visões alienantes de cultura. O povo brasileiro seria despreparado para produzir, teria que ser tutelado pelas elites ou pelo Estado no seu afã cultural.

A realidade nacional, segundo o autor, nas instâncias do mito, da música, da política, da literatura e do direito, sofreria um choque resultante de seu confronto com as ideologias colonizadoras. “O meio acadêmico também passa por reprodutor e fomentador de sistemas de pensamento estrangeiros: o caráter imitativo de nossa vida cultural é verificável também no discurso científico, que cede às pressões de um saber estrangeiro”. (SCHWARZ, 2004, p. 01).

O autor ainda cita Machado de Assis ao afirmar que o “influxo externo determina a direção do movimento”(ASSIS, 1959, p. 826). Isso equivale a afirmar que o discurso que vem de fora é a força motriz das ações em torno da cultura. Isso já era notado no tempo de Machado. Schwarz (2004) enfatiza que, muito tempo depois, os modernistas alinharam a literatura ao discurso político arauto da ruptura com a “experiência de caráter postiço e imitado da vida cultural que levamos” o que faz observar o nascer de intelectuais orgânicos (GRAMSCI, 1982, p. 81). Entretanto, a dinâmica mudança de arcabouços teóricos, o saber acadêmico, sempre procura apoio fora - e isso não permite o amadurecimento de nossa produção intelectual.

O foco então seria a busca das bases culturais genuinamente nacionais para construir um saber acadêmico e uma geografia literária, o que revela uma problemática segundo o autor: as consequências de sua apropriação pela comunicação de massa e pelo comércio: “daí a busca de um fundo nacional genuíno, isto é, não-adulterado: como seria a cultura popular se fosse possível preservá-la do comércio e, sobretudo, da comunicação de massa? O que seria uma economia nacional sem mistura?” (SCHWARZ, 2004, p. 03).

O regime ditatorial, nas palavras do autor, conseguiu dissolver essas discussões e foi sucedido pela mídia, mas há vinte anos, viu-se surgir o questionamento e uma frente de combate ao imperialismo: “só assim a cultura nacional poderia florescer com a retirada do corpo estranho.”( SCHWARZ, 2004, p. 03).

Um entrecruzamento de vertentes nacionalistas deflagrou uma ruptura: de um lado o nacionalismo populista de João Goulart e de outro os nacionalistas de direita.

[...] esperavam achar o que buscavam através da eliminação, o resíduo seria a cultura autêntica do país [...] o resíduo, nesta operação de subtrair, seria a substância autêntica do país. A mesma ilusão funcionou no século XIX, quando, entretanto, a nova cultura nacional se deveu muito mais à diversificação dos modelos europeus que à exclusão do modelo português. Na outra banda, os retrógrados, os adversários da descaracterização romântico-liberal da sociedade brasileira tampouco chegavam ao país autêntico, pois extirpadas as novidades francesas e inglesas ficava restaurada a ordem colonial, isto é, uma criação portuguesa. O paradoxo geral deste tipo de purismo está encarnado na figura de Policarpo Quaresma [...] (SCHWARZ, 2004, p. 04).

O autor cita a Indústria Cultural como uma camuflagem do sentimento de mal-estar na cultura brasileira, escondendo a crise que dele se apodera por meio da presença estrangeira nos meios de comunicação de massa e da incapacidade de renovação dos antigos paradigmas culturais nacionais.

Schwarz (2004) ainda afirma que, nesse fluxo de posicionamentos, coexiste atualmente um arcabouço ideológico que ignora tanto a luta de classes quanto o antiimperialismo. A indústria de comunicação de massas celebra o mito de união que a globalização impõe. Fala-se em cultura genuína. O mundo universalista proposto pela mídia não existe, é uma comunidade imaginada, uma prática de subjetivação para tornar os indivíduos produtivos, a filosofia francesa recente é fator de descrédito desse nacionalismo, baseada na tríade verdade-poder-saber de Michel Foucault e nós, latino americanos, estamos mais preparados para nos desvencilhar das verdades em torno das comunidades imaginadas. A renúncia às contribuições estrangeiras para uma comunidade nacional é impensável. O quadro brasileiro de minoria europeizada e maioria ignorante configuraria um disparate visto que, se fosse atribuída a questão da cópia a uma particularidade racial, por que apenas a elite teria copiado padrões europeus? O apagamento e a tentativa de desvalorização de elementos locais feitos pelo pensamento iluminista impediu que a cultura popular fosse percebida e apreendida.

Enquanto o nobre estava copiando, o pobre estava produzindo. O panorama cultural atual é resultado de condições sócio históricas de produção.

No texto de Gomes (2004) relata em igualdade de pensamento com Schwarz e numa crítica a Antônio Cândido (cultura nacional como ramificação da cultura portuguesa – visão iluminista) que , tanto a Literatura quanto a cultura podem levantar questões que discutam a dicotomia cosmopolitismo/nacionalismo. As culturas hegemônicas hierarquizam de forma eurocêntrica os objetos culturais. O valor de uma civilização passa a ser medido mediante parâmetros culturais que associam a tríade civilização, evolução e progresso desde que a civilização em questão tenha como paradigma de comparação o modelo europeu de vida civil e de cultura. Gomes destaca o Iluminismo kantiano como um dos primeiros sistemas de pensamento que hierarquizaram a cultura sob o padrão eurocêntrico de comparação, destacando o papel da elite na produção de uma cultura erudita, eurocêntrica e que, diluída, poderia ser levada a iluminar o povo.

O escritor Mário de Andrade, na visão de Gomes (2004) é um autor que se deve destacar como principal em um debate acerca da maneira pela qual o cosmopolitismo pode beneficiar as culturas e as identidades locais. A Literatura, para ser compreendida em seu âmago, precisa ser vista sob o encontro do local com o cosmopolita. Que tensões resultam dessa interação? A construção de uma Literatura Brasileira, segundo Antônio Cândido (1975), passa por essa dicotomia numa posição derivada da lusitana: somos ramificações, partes não tão significativas e por isso, deficientes em sua aparência e essência.

No entanto, o autor versa sobre o oposto dessa visão de cultura raiz: a produção modernista e pós modernista, influenciada pelos valores de estética do novo nacionalismo e releitura da tradição. Ele cita Álvaro Lins, que teve um papel fundamental como político e historiador ao organizar, descrever, relatar, criticar essa nova produção, e diz (sobre Lins): “coloca em movimento e jogo as questões e os problemas que definem o momento sócio econômico e ideológico da atualidade tal qual dramatizados pelas obras de arte contemporâneas ou do passado. (SANTIAGO, *apud* GOMES, 2003, p. 96).

Ainda nesse texto, “após a Revolução de 30, o conhecimento do país faz-se sentir como uma necessidade urgente. A geografia literária privilegia o nacional em detrimento do cosmopolita, que, para o crítico, não coincide com o universal.” (GOMES, 2003, p. 98). Como pode haver a união entre o cosmopolita e o nacional em busca de uma identidade nacional? O “deraciné” de Álvaro Lins é aquele que busca influência e ideias longínquas, aquele que não se enraíza na sua origem e, segundo o crítico, quanto mais próximo à origem, mais universal. Sustenta que a literatura urbana, que fala da metrópole, é pouco desenvolvida no Brasil.

Então o autor questiona a maneira de pensar a questão da identidade numa modernidade cada vez mais fluida, onde as relações espaço temporais estão cada vez mais modificadas e catalisadas: de um lado a gênese de novas identidades locais e de outro as experiências da “aldeia global, do cosmopolitismo, visto por Gomes como uma categoria aberta, jamais podendo ser definida por apenas uma sociedade ou um discurso em particular. É necessário levar em consideração a diversidade e o discurso dos que estão à margem. Gomes fala de Mignolo, que propõe um cosmopolitismo crítico e dialógico e constata que quanto mais o capitalismo realiza avanços, mais brotam divergências raciais e religiosas que se tornam impedimentos para a possibilidade de uma sociedade cosmopolita: a “diversalidade” inclui as vozes marginalizadas. Aí teríamos o “cosmopolitismo do pobre” que contaria com a força de movimentos políticos transnacionais e ONGs para ocorrer, por exemplo, o que significa: “sair do centro, deixar a linguagem falar também das bordas, no que se ouve, no que chega de outro” (PIGLIA *apud* GOMES, 2003, p.106). Assim, temos o deslocamento.

O texto de Souza (2002) se posiciona também contra a definição que Cândido (1975) faz da produção literária latino-americana como pobre e fraca, galho secundário da Literatura Portuguesa. As discussões sobre dependência cultural revelam que a Antropofagia ainda pode ser eficaz para desconstruir culturas estrangeiras que se apóiam no colonialismo e não no cosmopolitismo. A autora vê por meio desta conjuntura, as noções de original, cópia e simulacro. A Literatura seria uma área de embates entre vários conceitos diferentes a respeito de como devemos tratar contribuições de outras culturas para a formação de nossa identidade cultural:

Se a resposta se detiver no programa cultural modernizante do Estado, instaurado na década de 1930 no Brasil, com a ajuda dos mais importantes intelectuais modernistas, o outro lado da moeda transculturadora reflete não só o descompasso entre ideais libertários e nacionalização estatal, como também a abertura dos países periféricos para a universalização cultural, marcada pela modernização indiferenciada e homogeneizadora. A consciência da complexidade conceitual que estrutura todo este raciocínio permite, portanto, o desdobramento infinito de posições pós modernistas, responsáveis pelo encaminhamento da discussão em torno da transculturação. (SOUZA, 2002, p. 61).

Conforme Domingues (1999) em primeiro momento traz o tema da modernidade que tinha como ideário o rompimento com a tradição, servia para conceituar a evolução histórica e social. A modernização viria em forma de transformação centrada na esfera econômica e articulada com outras esferas da sociedade e a forma mais precisa de se chegar à modernidade seria por meio do desenvolvimento que geraria outra estrutura social, que geraria também mudança nas classes sociais. As sociedades nacionais tinham intenções de reconhecimento internacionais e, portanto, teriam que traçar metas (planificações intencionais) para que essa mudança ocorresse contavam com apoio de intelectuais que ajudariam com as planificações e, com isso, com o desenvolvimento em busca da modernidade.

Havia, porém, uma outra forma de conceber a modernidade, ou, mais precisamente, o processo que a ela poderia levar, que Costa Pinto nomeia, muito mais positivamente, de “desenvolvimento”. Este sim produziria a passagem para uma outra “estrutura social”.(DOMINGUES, 1999, p.83).

O desenvolvimento trouxe também divergências, de um lado os latifundiários em contraposição com a industrialização, a urbanização e as novas classes sociais que surgiam com a mudança.

O Brasil oferecia o espetáculo, portanto, “em sua multiplicidade”, de “exemplares de quase todas as idades históricas”; ele estaria polarizado por “um passado patriarcal e agrário e um futuro industrial nem sempre límpido”, com “o padrão tradicional em declínio e o novo, emergente e moderno, em expansão (COSTA PINTO, 1962, pp. 95, 212, 224, 235-236 e 289).

Seria necessário organização de classes para organizar o desenvolvimento para vencermos a subordinação internacional, a invenção de um modelo próprio de

desenvolvimento era a saída. Os intelectuais a serviço do Estado para ajudar na transformação da realidade de forma mais racional.

A modernização pode ser vista mediante de projetos quanto mais elaborado maior o número de pessoas por ele beneficiado, pensar em projeto significa mudança tanto nas estruturas produtivas do País, na estrutura de classe, na democratização Política e social. Pensar por meio de projetos significa pensar o desenvolvimento e para isso os membros pensantes, intelectuais a serviço do Estado, tem que se auto conhecer primeiro (subjetividade individual) e colocar suas volições em prática para que possa ajudar o mundo de forma ativa o Estado do outro lado como entidade superior e representante da vontade geral agiria no transformar o que era antes projeto em realidade “*A modernização de uma sociedade qualquer tem que ser vista sempre a partir dos projetos e dos movimentos das diversas subjetividades coletivas que para ela contribuem.*” Assim afirma (DOMINGUES, 1999 p.85).

Como é possível pensar em modernização sem levar em consideração a globalização. Que tem como tendência romper fronteiras culturais e mexer com uma nação? E para contrapor as ideias globalizantes surge os movimentos nacionalistas que buscam resguardar a identidade Nacional e refletem sobre a consolidação de uma identidade nacional no mundo onde barreiras culturais, econômicas e políticas estão cada vez mais difundidas o que parece indicar uma “homogeneização cultural ”e uma identidade global.

A reflexão anteriormente proposta nos conduzem a este questionamento: Até que ponto a globalização afeta as identidades nacionais?

Sabemos que a globalização é um processo de integração econômica, cultural, social e política que ganhou grande velocidade pelo desenvolvimento das novas tecnologias. Esse fenômeno é gerado pela necessidade do capitalismo de conquistar novos mercados. “*A intensificação das relações sociais no mundo inteiro, que liga localidades distantes de tal modo que os acontecimentos de uma região são formados por eventos que ocorrem a milhares de distância e vice-versa*”, (GUILDEN, 1997, p. 139).

Hall (2006.p.74) argumenta que os efeitos globais enfraquecem formas nacionais de identidade cultural. *“À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas às influências externas é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural.*

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligadas, mais as identidades se tornam desvinculadas- desalojadas- de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem “flutuar livremente”. (HALL 2006 p.75).

Neste trecho Hall, trata da gama de identidades que existem e em nome do consumismo global expõe as diferenças e as distinções culturais e mostra que a difusão proposta pelo consumismo global enfraquece a identidade local em nome da identidade global e reforça. A valorização da identidade local representa vínculo ou pertencimento. *“As identidade nacionais, como vimos representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares”.*( HALL 2006, p. 76.)

Quando Hall (2006) afirma que a homogeneização cultural é o grito angustiado daqueles/ as que estão convencidos/das de que a globalização ameaça as identidades e a “unidade” das culturas nacionais ele fala exatamente do gupo de tradição que procura se proteger do “novo” o quanto podem em nome da manutenção de sua identidade nacional.

No entanto, se por um lado grupos étnicos agem em defesa do local, por outro lado grupos que apoiam o aparecimento de uma nova forma de cultura se fortalecem dando lugar a uma cultura aberta a novas experiências em busca do “novo”. O que reforça a frase: “O homem evolui conforme suas necessidades”.

A sugestão é que ao invés de pensar no global possa articular entre o “global” e o “local”, mas alerta sobre a influência cultural que as sociedades de periferia podem sofrer. O conforto da tradição é desafiado pela nova concepção de mundo proposta pela globalização e por uma nova proposta de identidade desafiadora e um tanto mística.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entrecruzamento desses textos nos leva a crer que a discussão em torno da formação da identidade nacional por meio da literatura debateu o cosmopolitismo o colonialismo e o nacionalismo em duas vertentes contraditórias: uma pregando a necessidade de uma evolução por sermos parte de um sistema hierárquico por sermos ramificação de uma cultura superior e mais evoluída calcado na intermitência do colonialismo, outra, pregando a inclusão das vozes marginalizadas e exclusão da ideia de civilização como medida de evolução cultural, assumindo o cosmopolitismo numa relação eu-outro imparcial e fora da norma eurocêntrica, ou seja: buscando a alteridade. A discussão que era necessário rompimento com o tradicional, o que foi proposto no artigo de Rodrigues apontou a necessidade de uma revolução histórica, passando a contar com o apoio de intelectuais que por meio de projetos traçariam planificações que propunha transformação centrada na esfera econômica articulada com outras esferas para o desenvolvimento do Brasil em busca da modernidade e formação de uma identidade nacional que seria conhecida pelo processo de globalização, passando a influenciar e sofrer influências de outros países, criando certo conflito de identidades por se tratar de pessoas que lidam com o global e com informações culturais diferentes.

## REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. Prefácios e Introdução. In: Formação da literatura brasileira: Momentos Decisivos. 5 ed. Vol. I. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. p. 9-39.
- DOMINGUES, José Maurício. **Desenvolvimento, modernidade e subjetividade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais-vol. 14 N° 40, 1999.
- GOMES, Renato. **Cosmopolitismo, nacionalismos, lugares e não lugares na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, RJ: Edições DP&A, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade globalização**. Rio de Janeiro, RJ: Edições DP&A, 2006.

SCHWARZ, Roberto. **Nacional por subtração** - *sem referência*

SOUZA, Eneida Maria de. **O discurso crítico brasileiro**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

#### **AUTOR PARA CORRESPONDÊNCIA**

Valdirene Rosa do Nascimento Hora Estevam  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
79500-000, Paranaíba-MS, Brasil  
[dahorah@hotmail.com](mailto:dahorah@hotmail.com)

**Submetido em** 06/06/2015  
**Aceito em** 15/06/2015